

Vitória sobre o preconceito

A HISTÓRIA econômica do Brasil é marcada por sucessivas crises cambiais. Ainda no Primeiro Reinado, logo após a Independência, o País foi obrigado a renegociar dívidas herdadas de Portugal, dando como garantia toda a renda da Alfândega, existente então apenas no Rio de Janeiro. A memória dessas crises foi, talvez durante muito tempo, uma das causas dos receios oficiais de liberar o câmbio, mantido sempre sob total controle.

MAS O País cresceu muito nos últimos anos, com a economia a se sofisticar cada vez mais. A excessiva centralização cambial acabou alimentando um mercado paralelo de divisas, superespeculativo, que não traz qualquer benefício à Nação.

E O BANCO Central resolveu pôr o dedo na ferida. Venceu resistências de outros setores do Governo e conseguiu colocar em prática o câmbio-turismo, transferindo para o mercado exatamente o segmento que opera diretamente com o público.

COM MENOS de três meses de implantado, já se pode colher os frutos dessa iniciativa inteligente e corajosa. Pela primeira vez em dezenas de anos, o Brasil está conseguindo ostentar um superávit na conta de "pas-

sageiros". Isto significa que, até agora, os bancos compraram mais divisas estrangeiras do que venderam aos turistas.

TRATA-SE de um saldo ainda mais relevante, considerando-se que o câmbio-turismo não atingiu nem a metade de sua real potencialidade. Grandes redes de hotéis e agências de viagem agora é que estão começando a montar estruturas para negociar essas divisas livremente. E turistas ainda chegam ao Brasil sem saber que poderão trocar dinheiro em qualquer banco, por uma taxa livremente fixada pelo mercado.

AS VANTAGENS do câmbio-turismo não se limitam apenas aos aspectos econômicos. Há todo um sentido ético que volta a ser incorporado ao setor. A verdade é que agências de viagem e muitos hotéis viviam em um sistema de semiclandestinidade. A maioria dos serviços de turismo contratados no exterior, por exemplo, não tinha como ser paga pelos trâmites legais. As agências eram obrigadas a fazer malabarismos contábeis de todo tipo para justificar receita e aumento de patrimônio, pois não podiam declarar esses pagamentos ao exterior, feitos com divisas adquiridas no danoso mercado paralelo.

A TRANSPARÊNCIA nas operações, gradual e inevitavelmente, se estenderá a todos os agentes de viagem sérios, que desejam ver suas empresas crescerem sob o respaldo da lei e das normas jurídicas do País. E assim, à medida que o câmbio-turismo for conquistando a totalidade do setor, o Brasil poderá usufruir da receita cambial trazida por milhares de turistas que nos visitam anualmente (vale lembrar que na Espanha, por exemplo, cerca de US\$ 14 bilhões do déficit comercial de US\$ 16 bilhões foram cobertos, no ano passado, com receita líquida de turismo).

O GOVERNO, por sua vez, terá condições de melhor medir as taxas de câmbio, pois estas passarão a ser consequência de negociações abertas entre mais de dois mil operadores (entre bancos, instituições financeiras, hotéis, agências de viagem etc.), e não mais de um mercado paralelo onde ninguém sabia quem é quem.

O CASO do câmbio contém uma lição, aplicável a muitos outros setores: a de que é preciso não ter medo de questionar hábitos e preconceitos, na busca de melhores caminhos num quadro econômico em permanente evolução.